

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Páscoa

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO OITO)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Março de 2009

ÍNDICE

NAS PEGADAS DO MESTRE.....	03
UMA ANÁLISE CRÍTICA DA BÍBLIA.....	04
BÍBLIA LEVÍTICO.....	04
DO PAÍS DA LUZ.....	04
JESUS PERANTE A CRISTANDADE.....	06
BÍBLIA JOSUÉ.....	07
O CRISTIANISMO DO CRISTO E DOS SEUS VIGÁRIOS.....	07
EDUCAÇÃO PARA A MORTE.....	08
BÍBLIA MATEUS.....	11
JESUS O VERBO DO PAI.....	11
BÍBLIA MATEUS.....	12
LÁZARO.....	13
NOTA FINAL.....	20

Nas Pegadas do Mestre

Vinícius

Roma ou Jesus?

A cúria romana fez publicar no "O Estado", sob a epígrafe "Instruções para a Quaresma", os seguintes preceitos: "Todos os católicos maiores de 21 anos, não legitimamente impedidos, são obrigados a jejuar com abstinência de carnes em todas as refeições, nos dias mencionados, isto é, no dia de quarta-feira de cinzas; na quinta-feira santa e em todas as sextas-feiras da Quaresma.

O jejum consiste essencialmente no seguinte: de manhã, ligeira refeição, que pode ser leite, chá, etc. Os ovos são proibidos em tal refeição.

Ao meio dia, jantar, ou só de peixe ou só de carne.

Nesta refeição podem entrar ovos. À noite, outra pequena refeição.

Continua em pleno vigor a lei da Igreja que proíbe misturar carne com peixe nos dias de jejum e na Quaresma. Mesmo os fieis que não jejuam são obrigados a não fazer mistura de carne com peixe."

No entanto, Jesus estabeleceu uma doutrina diametralmente oposta a essa preconizada pela Igreja, como se depreende, de modo positivo e insofismável, do trecho que passamos a transcrever do Evangelho segundo S. Marcos, capítulo 7 - vers. 17 a 23.

Chamando Jesus a si toda a multidão, disse: ouvi-me vós todos e compreendei: Nada há fora do homem que, sendo por ele ingerido, o possa contaminar, mas o que sai do homem é que o contamina e macula.

Se alguém tem ouvidos de ouvir, ouça.

Quando deixou a multidão, e se recolheu com seus Discípulos, estes o interpelaram acerca daquelas palavras, para eles, parabólicas. E Jesus então disse: "Assim também, vós estais sem entendimento?

"Não compreendeis, como é evidente, que tudo o que de fora entrar no homem não o pode macular, porque não atinge o coração, mas vai ter ao estômago, e em seguida será expelido por lugar escuso?"

"O que sai do homem, isso, sim, o contamina, porque é do interior dos corações que vem os maus pensamentos, os adultérios, as concupiscências, os homicídios, o roubo, a avareza, a inveja, a soberba, a fraude, a blasfêmia, e a loucura. Todos estes males, pois, contaminam o homem."

Como se vê, os preceitos de Jesus são a antítese dos de Roma. Os primeiros falam a nossa razão; os segundos visam apenas a impressionar os sentidos. Jesus quer a essência, enquanto que Roma se contenta com as aparências. Roma é a matéria; Jesus é o espírito.

Escolhamos, portanto, entre Roma e Jesus, visto como não podemos servir a dois senhores, quando as doutrinas que eles nos recomendam são de tal natureza opostas que se contradizem e se anulam reciprocamente.

Uma Análise Crítica da Bíblia

C.G.S.Shalders

NÚMEROS

NUM.IX – Neste capítulo estabelece-se o dia da Páscoa, no dia 14 do primeiro mês. A pessoa que nesse dia deixasse de comer a Páscoa seria exterminada do meio do povo. Daí se conclui que a atitude do Israelita para com seu Deus era não uma atitude de amor, e sim de obediência de escravo; e a desobediência era punida com a morte. Será possível admitir-se que semelhante ordenação fosse ditada por Deus? É, entretanto o que diz o texto com a sua repetida afirmação: “ O Senhor falou a Moisés, dizendo: dize aos filhos de Israel”.

Bíblia
Levítico Cap.23.v.4

Diversos

A páscoa

4 Estas são as solenidades do Senhor, as santas convocações, que convocareis no seu tempo determinado:

5 No mês primeiro, , aos catorze do mês, pela tarde, é a páscoa do Senhor.

6 E aos quinze dias deste mês é a festa dos asmos do Senhor; sete dias comereis asmos.

7 No primeiro dia tereis santa convocação; nenhuma obra servil fareis;

8 Mas sete dias oferecereis oferta queimada ao Senhor; ao sétimo dia haverá santa convocação; nenhuma obra servil fareis.

Do País da Luz

Volume Dois

Fernando de Lacerda
Um Desconhecido.

Em cada ano destina o homem uma semana a comemoração do fato culminante da humanidade: - a sacrossanta tragédia do Gólgota.

Esta comemoração não serve para recordar o Homem que há dois mil anos morreu, por sentença da população hebraica; mas, para memorar o preço por que a Humanidade conseguiu a sua redenção espiritual, - o martírio de um justo.

É, Jesus a maior individualidade que tem ido a esse mundo. Os crentes da religião em que predomina a sua doutrina, crêem-no um Deus, porque não podem supor que a grandeza e sublimidade da sua palavra, da sua doutrina e da sua ação, pudessem dimanar de uma entidade igual às outras que enxameiam o mundo, como abelhas do Mal.

Os descrentes admiram-no filósofo, e a luz da sua razão proclamam-no o maior, o não igualado e o não igualável. Os negadores, crêem-no um símbolo ideal da bondade humana, e negam a sua existência, não admitindo assim que tão descomunal grandeza pudesse caber no mesquinho envoltório sujeito as dores e a desigualdade da condição terrena.

Todos, discordando, se acham acordes: - Jesus foi o Cristo o maior da Terra. Deus, será o maior. Filósofo inigualável, será o maior. Símbolo adorado e ideal da bondade perfeita e sonhada pelas almas puras, será o maior.

Os simples e os justos, aceitam-no como Ele se mostrou, bom e simples; e cantam em seu louvor as mais cariciosas e doces palavras de todos os vocabulários; enviam-lhe os seus mais santos e tranqüilos pensamentos; confidenciam-lhe os seus mais ansiados desejos, as suas mais doloridas penas, e dirigem-lhe as suas reais intimas e mais sentidas suplicas.

Tudo que de bom, de idealista, de puro existe no coração e no cérebro dos crentes é a Ele dedicado; tudo que de mal possuem ou temem é a Ele exposto, para lhe pedirem remédio, para lhe testemunharem arrependimento e para lhe prometerem emenda.

Não carecem de saber qual o seu grau de divindade, e de onde veio.

Sabem que é divino dentro do seu amor; que veio para ensinar a todos esse amor, a paz e a humildade.

As aves e as flores, na sua natural simplicidade, não buscam saber de onde vem a luz do dia que as alegra e lhes dá a vida.

Cantam-na e dão-lhe os seus melhores perfumes e os seus mais melodiosos trinos. A luz e o bem. Que lhes importa a origem? A luz veio das trevas; as trevas é que elas desadoravam; e foi do manto negro da escuridão que a luz surgiu para as alumiar e aquecer.

Os descrentes e os negadores não se limitam, porém, a tanto e a tão pouco. Crer, é muito para a pequenez da sua alma e pouco para a sua crítica e para a sua superioridade.

A existência de Jesus e a sua divindade é um fato que tem posta a todos os mais privilegiados cérebros humanos desde que a misteriosa estrela do oriente iluminou a mesquinha gruta de Belém.

Não tem havido cérebro algum potente, que se sinta com asas para poder voar pelo espaço fora, que não tenha querido desprender-se da crença simples da Fé tranqüila e indiscutível dos crentes piedosos: - uns para contestarem e outros para afirmarem o poder sobre-humano da estranha e luminosa figura de Jesus.

Filósofos, poetas, artistas, oradores, todos tem dado as primícias do seu pensamento, do seu estro, do seu engenho ou da sua palavra.

Os que mais o procuram derrubar do seu pedestal secular, são os que, inconscientemente, mais o enaltecem, mais o admiram e engrandecem.

São eles que provocam as grandes manifestações da fé e da dedicação; os que se encarregam de alimentar o fogo sagrado do amor por Cristo, e de mostrarem que, divino ou não, nenhuma outra individualidade, nem nenhuma outra obra, tem resistido tanto e tão bem à porfiada

e acrisolada luta, que durante séculos lhe tem sido dirigida, conservando-se firme, inabalável, mais firme e mais inabalável do que a própria terra que lhe serviu de cena; e que em vez de se aniquilar e extinguir é cada vez maior, mais radiante, mais poderosa a luz que irradiou da loura cabeça do doce rabi nazareno.

Todos os grandes homens que a Humanidade venera e enaltece, servem para inconfundível destaque e para salientar a grandeza e a elevação daquele pregador humilde, daquele sonhador sereno, daquele mensageiro da paz, daquele carpinteiro da Judéia, que conviveu com os simples e com os mendigos, que perdoou a adúltera e ao publicano, que exemplificando a humildade revolucionou o mundo; que, sendo todo bondade e justiça, foi desrespeitado, atraindo, vilipendiado e morto entre ladrões e no suplicio da cruz, para maior escárnio e degradamento.

A traição e a morte de que Jesus foi vítima, foram a radicação na alma humana da sua inconfundível doutrina; foram a base de toda a liberdade moderna na Terra, e da redenção de todo o espírito humano para a vida eterna do infinito.

É este o fato que, consciente ou inconscientemente, o homem soleniza todos os anos na semana que a Igreja denomina santa

Não soleniza o homem a morte de Jesus; aflige-se ou espanta-se da injustiça que a tragédia da sua morte representa; e quanto mais radicada estiver na consciência humana a idéia da justiça, da liberdade e da razão, maior será a veneração pela grandeza ideal do Maior de todos os entes que têm encarnado, na Terra, a admiração pela sua doutrina e o reconhecimento e gratidão pela sua obra.

Jesus Perante a Cristandade

Médium - Frederico Pereira da Silva Junior
Francisco Leite de Bittencourt Sampaio

Seguindo a lei e os costumes dos seus maiores, o virtuoso varão José, acompanhando a esposa de Deus*, fez-se presente nas festas da Páscoa, instituídas pelo grande legislador Moisés, para comemorar o dia da passagem do povo hebreu das terras do cativo para as terras prometidas à sua liberdade.

Obedecendo, também, às necessidades de uma ordem de fatos que se iam desenrolar nos cenários da Palestina, Jesus, acompanhado dos seus primos-irmãos, sob a forma aparente* de um menino de doze anos, compareceu às mesmas festas; e, passados os sete dias a elas consagrados, deixou os seus parentes e amigos e penetrou na grande sinagoga, para discutir com os doutores da lei, isto é, com os homens escolhidos dentre os mais competentes para pregar ao povo as leis mosaicas, as profecias e todas essas obras-primas do Antigo Testamento que formaram o *Canon* da Igreja, pelos esforços de Esdras e Neemias em prol do povo judeu, que, dividido, sem orientação religiosa, se entregava então a práticas as mais absurdas da idolatria, fazendo praça de idéias as mais extravagantes que imaginar se possa, comparando-as com os ensinamentos dados pelos profetas. (Nota VME* Informações antidoutrinárias comparando com os ensinamentos dados pelos Espíritos)

Bíblia Josué Cap.5.v.10

Diversos

Celebra-se a páscoa

10 Estando, pois, os filhos de Israel alojados em Gilgal, celebraram a páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó.

11 E comeram do trigo da terra do ano antecedente, ao outro dia depois da páscoa, pães asmos e espigas tostadas, no mesmo dia.

12 E cessou o maná no dia seguinte, depois que comeram do trigo da terra do ano antecedente, e os filhos de Israel não tiveram mais maná; porém no mesmo ano comeram das novidades da terra de Canaã.

O Cristianismo do Cristo e o dos Seus Vigários

Padre Alta

Desde que se estabeleceram na Palestina, os *Judeus* celebravam, no dia 14º; dia da lua de março, o glorioso aniversário da saída deles do Egito. Os cristãos celebram, sob o mesmo nome de Páscoa, que quer dizer Passagem e no domingo seguinte, o aniversário da Ressurreição de Jesus Cristo. Esta diferença na significação atribuída á mesma palavra simboliza admiravelmente a diferença da religião cristã. Para os *Judeus* a passagem é a do estado de escravidão para o de liberdade, que eles ambicionavam, e a Terra Prometida se lhes acha aberta ao avanço, cada vez mais ampliada e melhor conquistada, não mais se limitando, como outrora, ao país de Canaã, sem outros limites senão os do antigo e do novo continentes. Para os Cristãos, a passagem é a que tem de ser feita, não de um país terrestre para outro país terrestre; não através do Mar Vermelho, que separa a Palestina do Egito, mas através do Mar Negro, se me permitis esta expressão simbólica, isto é, através do oceano tenebroso que separa a morte terrena da vida celeste.

Essa festa da Ressurreição de Jesus Cristo era, a princípio, e foi, durante longo tempo, a única festa cristã. Solenemente, os cristãos a celebravam uma só vez no ano; porém todos os domingos a rememoravam, quando se reuniam para celebrar o mistério da Eucaristia.

“Eis o tempo em que o Cristo foi imolado para nossa páscoa celeste, escreve S.Paulo (1º Coríntios V.7) Celebremos esta festa com o pão novo, não com aquele que se acha estufado pelo fermento do ódio e do vício, mas com o pão sem fermento, o da sinceridade e da verdade.”

Mais longe, no Cap.XI, 23, falando do repasto fraternal, da comunhão eucarística em seguida, o apóstolo lembra aos Coríntios o mistério do pão e do vinho, instituído por Jesus Cristo, na véspera de sua morte. O Cristo, porém, morreu para a vida terrena, a fim de ressuscitar para a vida celeste; o mesmo se dará com o cristão que haurir da comunhão com o Cristo, a seiva da ressurreição espiritual (Rom. VI, 5)

Educação para a Morte

J.Herculano Pires

Vou me deitar para dormir. Mas posso morrer durante o sono. Estou bem, não tenho nenhum motivo especial para pensar na morte neste momento. Nem para desejá-la. Mas a morte não é uma opção, nem uma possibilidade. É uma certeza. Quando o Júri de Atenas condenou Sócrates à morte, ao invés de lhe dar um prêmio, sua mulher correu aflita para a prisão, gritando-lhe: "Sócrates, os juízes te condenaram a morte". O filósofo respondeu calmamente: "Eles também já estão condenados". A mulher insistiu no seu desespero: "Mas é uma sentença injusta!" E ele perguntou: "Preferias que fosse justa?" A serenidade de Sócrates era o produto de um processo educacional: a Educação para a Morte. É curioso notar que em nosso tempo só cuidamos da Educação para a Vida. Esquecemo-nos de que vivemos para morrer. A morte é o nosso fim inevitável. No entanto, chegamos geralmente a ela sem o menor preparo. As religiões nos preparam, bem ou mal, para a outra vida. E depois que morremos encomendam o nosso cadáver aos deuses, como se ele não fosse precisamente aquilo que deixamos na Terra ao morrer, o fardo inútil que não serve mais para nada.

Quem primeiro cuidou da Psicologia da Morte e da Educação para a morte, em nosso tempo, foi Allan Kardec. Ele realizou uma pesquisa psicológica exemplar sobre o fenômeno da morte. Por anos seguidos falou a respeito com os espíritos de mortos. E, considerando o sono como irmão ou primo da morte, pesquisou também os espíritos de pessoas vivas durante o sono. Isso porque, segundo verificara, os que dormem saem do corpo durante o sono. Alguns saem e não voltam: morrem. Chegou, com antecedência de mais de um século, a esta conclusão a que as ciências atuais também chegaram, com a mesma tranqüilidade de Sócrates, a conclusão de Victor Hugo: "Morrer não é morrer, mas apenas mudar-se".

As religiões podiam ter prestado um grande serviço à Humanidade se houvessem colocado o problema da morte em termos de naturalidade. Mas, nascidas da magia e amamentadas pela mitologia, só fizeram complicar as coisas. A mudança simples de que falou Victor Hugo transformou-se, nas mãos de clérigos e teólogos, numa passagem dantesca pela *selva selvaggia* da Divina Comédia. Nas civilizações agrárias e pastoris, graças ao seu contato permanente com os processos naturais, a morte era encarada sem complicações. Os rituais suntuosos, os cerimoniais e sacramentos surgiram com o desenvolvimento da civilização, no deslanche da imaginação criadora. A mudança revestiu-se de exigências antinaturais, complicando-se com a burocracia dos passaportes, recomendações, trânsito sombrio na barca de Caronte, processos de julgamento seguido de condenações tenebrosas e assim por diante. Logo mais, para satisfazer o desejo de sobrevivência, surgiu a monstruosa arquitetura da morte, com mausoléus, pirâmides, mumificações, que permitiam a ilusão do corpo conservado e da permanência fictícia do morto acima da terra e dos vermes. Morrer já não era morrer, mas metamorfosear-se, virar múmia nos sarcófagos ou assombração maléfica nos mistérios da noite. As múmias, pelo menos, tiveram utilidade posterior, como vemos na História da Medicina, servindo para os efeitos curadores do pó de múmia. E quando as múmias se acabaram, não se achando nenhuma para remédio, surgiram os fabricantes

de múmias falsas, que supriam a falta do pó milagroso. Os mortos socorriam os vivos na forma lobateana do pó de pirimpimpim.

Muito antes de Augusto Comte, os médicos haviam descoberto que os vivos dependiam sempre e cada vez mais da assistência e do governo dos mortos. De toda essa embrulhada resultou o pavor da morte entre os mortais. Ainda hoje os antropólogos podem constatar, entre os povos primitivos, a aceitação natural da morte. Entre as tribos selvagens da África, da Austrália, da América e das regiões árticas, os velhos são mortos a pauladas ou fogem para o descampado a fim de serem devorados pelas feras. O lobo ou o urso que devora o velho e a velha expostos voluntariamente ao sacrifício será depois abatido pelos jovens caçadores que se alimentam da carne do animal reforçada pelos elementos vitais dos velhos sacrificados. É um processo generoso de troca no qual os clãs e as tribos se revigoram.

O pavor maior da morte provém da idéia de solidão e escuridão. Mas os teólogos acharam que isso era pouco e oficializaram as lendas remotas do Inferno, do purgatório e do Limbo, a que não escapam nem mesmo as crianças mortas sem batismo. De tal maneira se aumentaram os motivos do pavor da morte, que ela chegou a significar desonra e vergonha. Para os judeus, a morte se tomou a própria impureza. Os túmulos e os cemitérios foram considerados impuros. Os cenotáfios, túmulos vazios construídos em honra aos profetas mostram bem essa aversão à morte. Como podiam eles aceitar um Messias que vinha da Galileia dos Gentios, onde o Palácio de Herodes fora construído sobre terra de cemitérios? Como aceitar esse Messias que morreu na cruz, vencido pelos romanos impuros que arrancara Lázaro da sepultura (já cheirando mal) e o fizera seu companheiro nas lides sagradas do messianismo?

Ainda em nossos dias o respeito aos mortos esta envolvido numa forma velada de repulsa e depreciação. A morte transforma o homem em cadáver, risca-o do numero dos vivos, tira-lhe todas as possibilidades de ação e portanto de significação no meio humano. "o morto esta morto", dizem os materialistas e o populacho ignaro. O Papa Paulo VI declarou, e a Imprensa mundial divulgou em toda parte, que "existe uma vida após a morte, mas não sabemos como ela é." Isso quer dizer que a própria Igreja nada sabe da morte, a não ser que morremos. A idéia cristã da morte, sustentada e defendida pelas diversas igrejas, é simplesmente aterradora. Os pecadores ao morrer se vêem diante de um Tribunal Divino que os condena a suplícios eternos. Os santos e os beatos não escapam às condenações, não obstante a misericórdia de Deus, que não sabemos como pode ser misericordioso com tanta Impiedade. As próprias crianças inocentes, que não tiveram tempo de pecar, vão para o Limbo misterioso e sombrio pela simples falta do batismo. Os criminosos broncos, ignorantes e todo o grosso da espécie humana são atirados nas garras de Satanás, um anjo decaído que só não encarna o mal porque não deve ter carne. Mas com dinheiro e a adoração interesseira a Deus essas almas podem ser perdoadas, de maneira que só para os pobres não há salvação, mas para os ricos o Céu se abre ao impacto dos *tedéuns* suntuosos, das missas cantadas e das gordas contribuições para a Igreja. Nunca se viu soberano mais venal e tribunal mais injusto. A depreciação da morte gerou o desabrido comercio dos traficantes do perdão e da indulgencia divina. O vil dinheiro das roubalheiras e injustiças terrenas consegue furar a Justiça Divina, de maneira que o desprestigio dos mortos chega ao máximo da vergonha. A felicidade eterna depende do recheio dos cofres deixados na Terra.

Diante de tudo isso, o conceito da morte se azinhavra nas mãos dos cambistas da simonia, esvazia-se na descrença total, transforma-se no conceito do nada, que Kant definiu como conceito vazio. O morto apodrece enterrado, perdeu a riqueza da vida, virou pasto de vermes e sua misteriosa salvação depende das condições financeiras da família terrena. O morto é um fraco, um falido e um condenado, inteiramente dependente dos vivos na Terra.

O povo não compreende bem todo esse quadro de misérias em que os teólogos envolveram a morte, mas sente o nojo e o medo da morte, introjetados em sua consciência pela farsa dos poderes divinos que o ameaçam desde o berço ao túmulo e ao além-túmulo. Não é de admirar que os pais e as mães, os parentes dos mortos se apavorem e se desesperem diante do fato irremissível da morte.

Jesus ensinou e provou que a morte se resolve na *Páscoa* da ressurreição, que ninguém morre, que todos temos o corpo espiritual e vivemos no além-túmulo como vivos mais vivos que os encarnados. Paulo de Tarso proclamou que o corpo espiritual e o corpo da ressurreição (cap.15 da Primeira Epístola aos Coríntios), mas a permanente imagem do Cristo crucificado, das procissões absurdas do Senhor Morto, - heresia clamorosa -, as cerimônias da Via-Sacra e as imagens aterradoras do Inferno Cristão - mais impiedoso e brutal do que os Infernos do Paganismo - marcados a fogo na mente humana através de dois milênios, esmagam e envilecem a alma supersticiosa dos homens.

Não é de admirar que os teólogos atuais, divididos em várias correntes de sofistas cristãos moderníssimos, estejam hoje proclamando, com uma alegria leviana de diplóides, a Morte de Deus e o estabelecimento do Cristianismo Ateu. Para esses novos teólogos o Cadáver de Deus foi enterrado pelo Louco de Nietzsche, criação fantástica e infeliz do pobre filósofo que morreu louco.

O clero cristão tanto católico como protestante, tanto do Ocidente como do Oriente perdeu a capacidade de socorrer e consolar os que se desesperam com a morte de pessoas amadas. Seus instrumentos de consolação perderam a eficiência antiga, que se apoiava no obscurantismo das populações permanentemente ameaçadas pela Ira de Deus. A Igreja, Mãe da Sabedoria Infusa, recebida do Céu como graça especial concedida aos eleitos, confessa que nada sabe sobre a vida espiritual e só aconselha aos fiéis as práticas antiquadas das rezas e cerimônias pagas, para que os mortos queridos sejam beneficiados no outro Mundo ao tinir das moedas terrenas. O Messias espantou a chicote os animais do Templo que deviam ser comprados para o sacrifício redentor no altar simoniaco e derrubou as mesas dos cambistas, que trocavam no Templo as moedas gregas e romanas pelas moedas sagradas dos magnatas despenseiros da misericórdia divina. O episódio esclarecedor foi suplantado na mente popular pelo impacto esmagador das ameaças celestiais contra os descrentes, esses rebeldes demoníacos. Em vão o Cristo ensinou que as moedas de Cesar só valem na Terra. Há dois mil anos essas moedas impuras vem sendo aceitas por Deus para o resgate das almas condenadas. Quem pode, em sã consciência, acreditar hoje em dia numa Justiça Divina que funciona com o mesmo combustível da Justiça Terrena? Os sacerdotes foram treinados a falar com voz empostada, melíflua e fingida, para, a semelhança da voz das antigas sereias, embalar o povo nas ilusões de um amor venal e sem piedade. Voz doce e gestos compassivos não conseguem mais, em nossos dias, do que irritar as pessoas de bom senso. O Cristo Consolador foi traído pelos agentes da misericórdia divina que desceu ao banco das pechinchas, no comércio impuro das consolações fáceis. Os homens preferem jogar no lixo as suas almas, que Deus e o Diabo disputam não se sabe porque.

Bíblia Mateus Cap.21.v.8; Cap.26.v.2

Diversos

8 E muitíssima gente estendia os seus vestidos pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores, e os espalhavam pelo caminho.

2 Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado.

Jesus, o Verbo do Pai

J.Manahen
Roque Jacintho

O Cordeiro de Deus

Releiamos o anúncio profético, ou revelação mediúnica, em que João identifica o Senhor como aquele que viria redimir o mundo de seus pecados: - “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”

João, o precursor, em vendo Jesus o reconheceu como aquele que o profeta Isaías descrevera em seus anúncios mediúnicos e que aparece com essa intitulação: “Como um cordeiro conduzido para o matadouro, deixou-se colocar entre os criminosos, tomando sobre si os pecados de muitos homens e intercedendo pelos culpados” Isaías Cap.53 vers.7 e 12

O título Cordeiro de Deus, porém tem maior significação.

Ele equivale ao cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel e de sua libertação espiritual, marcando o início da memorável contribuição desse sofrido povo ao benefício de toda a nossa Humanidade ao vulgarizar a idéia do Deus único.

É como se João estivesse afirmando: Eis aí aquele que virá libertar-nos, em definitivo, de nossa sujeição ao juízo dos homens falíveis, resgatando-nos para o Pai Celestial que ama o pecador e quer a sua regeneração.

Estava Próxima a Páscoa

Para compreensão mais ampla da figuração da expulsão dos chamados vendilhões do templo é muito significativa esta expressão de João de que “estava próxima a Páscoa”.

É que a Páscoa simbolizava início de vida nova.

Ela era o marco da libertação dos hebreus do Egito.

Era, pois, a libertação das criaturas humanas da sua condição meramente servil para o encontro com uma existência renovada sob o amparo da Misericórdia Celestial.

Colocando, portanto, a informação de que “estava próxima a Páscoa” com Jesus subindo a Jerusalém, temos que o Mestre era o condutor desta vida nova para todos, alertando os homens para que se libertassem de seus mitos, de seus sacrifícios vãos, de seu pensamento de que se

podiam alcançar as graças do Pai Celestial através de atos de escravização e rituais sem significação maior.

Somente assim o homem chega á verdade e faz-se livre.

Bíblia Mateus Cap.21.v.8; Cap.26.v.2

Diversos

A última páscoa; a santa ceia

12 E, no primeiro dia dos *pães asmos*, quando sacrificavam a páscoa, disseram-lhe os discípulos: Aonde queres que vamos fazer os preparativos para comer a Páscoa?

13 E enviou dois dos seus discípulos, e disse-lhes: Ide à cidade, e um homem, que leva um cântaro d'água, vos encontrará; segui-o;

14 E, onde quer que entrar, dizei ao senhor da casa: O Mestre diz: Onde esta o aposento em que hei de comer a páscoa com os meus discípulos?

15 E ele vos mostrará um grande cenáculo mobiliado e preparado; preparai-a ali.

16 E, saindo os seus discípulos, foram à cidade, e acharam como lhes tinha dito, e prepararam a páscoa.

17 E, chegada a tarde, foi com os doze,

18 E, quando estavam assentados a comer, disse Jesus: Em verdade vos digo que um de vós, que comigo come, ha de trair-me.

19 E eles começaram a entristecer-se e a dizer lhe um após outro: '*Porventura* sou eu, Senhor? e outro: '*Porventura* sou eu, Senhor?

20 Mas ele, respondendo, disse-lhes: É um dos doze, que mete comigo a mão no prato.

21 Na verdade o Filho do homem vai, como dele esta escrito, mas ai daquele homem por quem o Filho do homem é traído! Bom seria para o tal homem não haver nascido.

22 E, comendo eles, tomou Jesus pão, e, abençoando-o, o partiu, e deu-lho, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo.

23 E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho; e todos beberam dele.

24 E disse-lhes: Isto é o meu sangue, o *sangue* do Novo Testamento, que por muitos é derramado.

25 Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide, até aquele dia em que o beber novo no reino de Deus.

26 E, tendo cantado o hino, saíram para o monte das Oliveiras.

Lázaro

J. Herculano Pires

O GOLÉM E A PASCOA

SOU o GOLÉM DO RABI. O *golém* não é apenas um morto-vivo, uma criatura que morreu mas ressuscitou por magia e vive morto daí por diante. É mais (e pior) do que isso, porque é o escravo do mágico, preso a ele pelo cordão umbilical da magia, dirigido por ele como um cavalo pelo cavaleiro. O Rabi Joshua não é o Messias de Israel, mas o Mago de Sião. Assim como todos os povos tem os seus magos, Sião tem o seu. Cai na armadilha da magia negra que o Deuteronomio condena e arrastei Betânia comigo. Mas como pode ser isso? O *golém* não é Eleazer ben Simão, é apenas a sombra de Eleazer, o corpo de Eleazer em função da magia. E então como é que eu, Eleazer, penso e quero, sonho e recordo, aspiro e luto no corpo do *golém*?

Arde-me a cabeça nesta Páscoa de Israel. Até ontem, quando saímos do Templo, tudo me parecia dentro das leis do Senhor. Mas Judas encheu-me o coração com o seu desespero. Falou-me sem cessar por todo o caminho de volta. A noite não consegui dormir e sai para espairecer o espírito nas brisas de Betânia. Mal dei os primeiros passos em direção a estrada e o vulto de Judas surgiu-me a frente. Conversamos até que o primeiro clarão da estrela matutina esbranquiçasse o horizonte. Judas me enleou em dúvidas e angústias, inquietou-me o espírito.

Bem que eu não compreendia o que se passava no Templo. O Rabi, condenado pelo Sinédrio, não podia entrar no coração de Israel e ali permanecer, falar e orar. Mas ninguém se atreveu a impedi-lo. "Não percebeste o motivo?" perguntou-me Judas. E ele mesmo o explicou. Não foi pelo Rabi, mas por mim. Os guardas tremiam desde o instante em que penetrei no Templo. "Tremiam como varas verdes, tremiam de pavor sagrado", disse Judas. E dos guardas para cima toda a hierarquia do Templo estava apavorada. O *golém* é o pavor de Israel e a força do Rabi. Ninguém jamais lhe porá as mãos enquanto o *golém* estiver a seu lado. É por isso que sou a sombra do Rabi, é por isso que tenho um pouco do seu poder. Um pouco? Ou todo ele esta agora concentrado em minhas mãos?

Que penso? Que digo? Sim, tudo parece loucura, mas Judas lembrou me coisas inexplicáveis. Como foi possível a entrada triunfal do Rabi em Jerusalém, a sua permanência no Templo e depois a sua volta a Betânia? Que entrada foi essa? Por que e para que entrou o Rabi na Cidade de David? Para inspecionar os cambistas do Templo, orar pelos traidores de Israel, pedir ao Pai que os perdoasse e depois regressar ao seu leito de Betânia como um simples hóspede? Até o Viaduto a nossa marcha foi messiânica. Mas depois de entrar na área sagrada do Templo o Messias desapareceu. Edom continua imperando e Israel e a mesma escrava impura que os *goyim* prostituem e esbofeteiam.

Não, não havia alternativa e o Rabi a descobriu, não se sabe como. É a Páscoa. Estamos na Páscoa. Ele mesmo nos disse, ao sair do Templo, que Israel jamais viu nem verá maior páscoa do que esta. E no entanto saiu como um simples peregrino, mandando a Simão que devolvesse a sua montaria e convidando os companheiros ao repouso. No Templo o Rabi se portou como um fiscal de Edom, um funcionário administrativo que tudo observava e anotava. Em nenhum momento, a não ser quando orou, notei em seu semblante, em seus olhos, em seus gestos, o menor traço messiânico. Mal terminou a prece e o rebuliço do Pátio dos Gentios recomeçou como se nada houvesse acontecido.

Senhor, Senhor, tenho a cabeça em chamas! Mas a noite, quando Judas me convencia de que o Rabi está prestes a falhar na sua missão divina, fomos surpreendidos por uma irradiação luminosa que se filtrava pelas frestas das portas e janelas dos seus aposentos. A irradiação aumentou e parecia sair através das próprias paredes, do telhado e do solo. Era como se o Rabi houvesse aprisionado uma estrela em seu quarto e a luz estelar extravasasse os limites da vasilha. Judas, como é do seu feitio. Inteiriçou-se de espanto. Eu cai de joelhos para dar graças a Javé. Quando abri os olhos, o Rabi estava a nossa frente.

Sim, lembro me bem e me lembrarei para sempre! Judas tinha os olhos fora das órbitas e todo o seu corpo tremia, num frêmito que se transmitia a própria terra, o Rabi lhe disse: "Judas, já é tempo de compreenderes um pouco das coisas do céu. Deixa Eleazer em paz. Ai daqueles que confundem os pequeninos, melhor lhes fora atar ao pescoço uma pedra de moinho e lançar-se ao fundo das águas." Judas quis responder, mas sua boca não se abria. O Rabi sorriu e disse: "Vês como te apavoras, só porque não estou no meu corpo de carne, mas no corpo do espírito? Acalma te, homem da Terra, tranquiliza o teu coração de raposa e busca o refugio da prece."

Olhei para os aposentos do Rabi e vi que a luz estelar desaparecera. Mas essa luz - agora o compreendo - era a do seu próprio corpo espiritual. O Rabi que falou conosco não tinha o corpo escuro e opaco dos homens, mas o corpo luminoso e transparente dos anjos. Não veio até nós andando no solo, fazendo soar os seus passos na escuridão. Nem se foi como se vão os homens pela noite, tateando nas trevas em passos incertos. O Rabi surgiu ante nós como uma estrela que se acende e desapareceu como uma estrela que se apaga.

Tudo isso não passaria de artes pitônicas? É possível que o Espírito de Píton venha enganar-nos em nossas mais santas esperanças, no próprio coração de Israel? E Simão, também ele foi enganado? E Aarão? A magia negra dos *goyim* poderia conciliar-se, por um único momento, com a magia branca e celeste da Cabala judaica? É possível confundir o mago Elifas com o rabi Hilel? Como então aceitar que o Rabi Joshua se iguale aos mágicos árabes e fenícios? É como admitir que a minha ressurreição se assemelhe a imantação de um cadáver pelas artes diabólicas dos criadores de *goléns*?

Agora me pergunto: o que se esconde atrás dessas palavras? De que maneira pode um mágico (ou um mago que e sempre um mestre de magia) dar vida a um cadáver. É isso possível? Jochanan (o da prensa de azeite, o meu Jochanan e não o do Rabi) me dizia certa vez, tempos atrás, que o mistério se resume no seguinte. O corpo tem um principio de vida que lhe é próprio e não depende do espírito. Quando o espírito se desliga do corpo este não morre imediatamente, pois há nele uma vida que subsiste por algum tempo, o mágico sabe que essa vida corporal é semelhante à do seu próprio corpo. Se ele conhece o processo pelo qual se pode ligar o principio de vida de um corpo ao principio de vida de outro, tudo se toma fácil. O mágico expele do seu corpo, pela sua vontade, uma força vital que excita a força vital ainda não extinta no cadáver. Este pode reagir ou não a essa excitação. Se reagir, o cadáver se reanima artificialmente. Então o mágico intensifica o processo de ligação até dominar completamente o cadáver. Faz que este se levante e ande, fale, veja, gesticule como se fosse uma pessoa viva. Mas não pode fazer que ele pense, pois o pensamento pertence ao espírito que se ausentou do corpo.

Se Jochanan explicou bem. - e creio que sim, pois é entendido nesses assuntos desde menino, quando o rabi Ashi trouxera da Babilônia, - o *golém* e uma espécie de boneco o iniciava nos segredos que o outro Ashi, seu ascendente, vivo, de carne e osso, que o mágico dirige como se fosse por meio de cordéis. E eis que surge a pergunta decisiva, que eu próprio não suspeitava mas que por certo dormia enrodilhada no fundo de mim mesmo: *É assim, Eleazer, que se passa contigo?*

Não, não e assim e não pode ser assim. Eu sou o mesmo de antes, com as mesmas lembranças, com a minha vontade e o meu temperamento, vivendo como vivia, pensando por mim, analisando a tudo e a todos (até mesmo ao Rabi) como sempre fiz. Não, eu não sou um *golém*, eu sou um ressuscitado, um homem que voltou da morte pelo poder de *Yaveh* que o Messias de Israel evocou! Hosanas. Hosanas, eu sou Eleazer ben Simão e, o Rabi Joshua e o Rei Messias de Israel!

Contou-me Jochanan (o meu e não o do Rabi) que o mago sidonita Elwig encontrou certa noite nos arredores de Tiro um jovem árabe à morte. Aretas, o jovem, estava abandonado numa pequena estalagem. Tinha o coração fraco e sua vida foi se apagando rapidamente. Elwig alimentava há muito o desejo de ter um *golém* a sua disposição, mas nunca teve uma oportunidade para aplicar os seus poderes nesse sentido. Postou-se ao lado do jovem para salvá-lo e apressou o seu afastamento do corpo. Ao mesmo tempo, através de práticas mágicas, expandiu a sua força vital sobre o corpo do jovem. Conseguiu dominá-lo e alimentar o coração moribundo com a força do seu próprio coração. Ninguém percebeu a morte de Aretas, pois seu corpo se levantou curado e saiu alegre em companhia de Elwig.

O mago estava radiante e partiu com o *golém* para a Galileia, onde logo conseguiu o que desejava. Os galileus reconheceram sem dificuldade a condição de *golém* do jovem que acompanhava o mágico, sempre dirigido por este em tudo o que fazia, e se apavoraram com isso. Era o que Elwig queria. Submeteu muitos homens ao seu poder pela ameaça de contaminação. Realizou grandes trapagens que o enriqueceram, sob a pressão do pavor que o *golém* infundia. Mas quando Elwig quis se desligar do *golém* para escapar da Galileia e ir gozar as suas riquezas na Fenícia, sentiu que seu coração e o do *golém* haviam se fundido num só. Ao praticar os ritos mágicos de desligamento caiu fulminado pelo seu próprio poder. *Yaveh* não concede gratuitamente ao homem os poderes ocultos. Os deuses estranhos são formas ilusórias que confundem as criaturas. Se eu fosse um *golém* não poderia pensar. E o Rabi Joshua, que conhece os segredos do Pai, jamais se enredaria nos ardis pitônicos.

Mas por que insisto nesses pensamentos sombrios que me foram transmitidos pelas alucinações de Judas? Pobre Judas, por que descaminhos te levaram a tua inquietação? Quase me enlouqueceste com as tuas palavras noturnas, impregnadas de desconfiança e terror. A Páscoa chegou, Judas, e todo o Israel, da Diáspora e das províncias, aflui à Cidade de David para a sua celebração. O Rabi Joshua esta presente e marcou a era messiânica através da sua entrada triunfal na cidade e da sua visitação ao Templo.

Querias que o Rabi, como Sansão, derrubasse os pilares do Templo, afrontasse os príncipes e afugentasse os *goyim*. Querias que o Rabi não voltasse ao pouso humilde de Betânia, mas se assentasse no trono de Salomão e fizesse do povo o cordeiro desta nova Páscoa. Não, Judas, o cordeiro pascal tem um sentido oculto que não conhecemos, que escapa ainda ao nosso entendimento. Nesta Páscoa o Rabi Joshua vai nos ensinar o significado ao mesmo tempo sublime e terrível da palavra *cordeiro*.

Sinto em meu coração, Judas que a tua inquietação te leva ao despenhadeiro da traição. Bem sei que não és um traidor e jamais o serias. Amas o Rabi e amas Israel. Mas como queres resolver pelas tuas mãos os problemas de *Yaveh*? Fazes como Elwig, o mago. Teces os rituais da tua própria perdição. Ligas os teus cordéis ao *golém* de Edom para salvar o Messias. Que insensatez, ó Judas, meu companheiro, meu irmão! Viste os poderes do Rabi e muitas vezes o ouviste dizer que tudo o que ele faz nós também podemos fazer. Mas não te esqueças de que ele sempre adverte: *Entretanto, purifica primeiro o teu coração*, o coração impuro de Elwig o amarrou a impureza do *golém*. Teu coração inquieto escorrega nas ilusões da impureza, Judas, e esta Páscoa de Israel, a maior de todas, pode amarrar-te ao *golém* de Edom ao invés de levar-te a ungir o Rei Messias.

Vejo agora a razão das leis de pureza e impureza em Israel. Vejo a razão do temor da morte, do horror pelas coisas mortas que assinala toda a História de Israel. Para todos os povos a morte e sinal de impureza, mas Israel converteu a morte na própria impureza. Nós, judeus, gostamos da vida e só a vida nos purifica, só nela podemos purificar-nos. Mas vem o Messias e nos mostra que a morte é o destino comum de puros e impuros. Como podia a pureza resultar na impureza da morte? Como podia a justiça de *Yaveh* juntar no mesmo fim os puros e os impuros?

O problema é o *golém*. Ele, o *golém* é que simboliza a impureza. A vida e a morte são puras. A morte é o final da vida e portanto pertence a vida. Mas o homem que se apega à vida para resistir à morte ou que deseja viver mesmo à custa de um morto, ou e morto o corpo ainda procura habitar os corpos alheios, esse é o *golém* ou morto vivo, ou o *dibuk* que o Rabi expulsa das criaturas endemoninhadas.

A nova Páscoa de Israel não é marcada pela vitória da vida corporal, mas pela vitória da vida espiritual. Vejo agora bem claro o quadro novo que se desenha em nossas mentes. Enxergamos um pouco mais que os nossos pais, que só queriam a Canaã conquistada pela violência, com seus rios de leite e mel. O Rabi Joshua nos ensina que a Terra será dos mansos e pacíficos e que o Céu não será mais tomado pela violência. Só ha uma força para o domínio do Céu e da Terra: o amor.

Judas, Judas, volta à Betânia enquanto o sol não se eleva no horizonte. Que os seus raios te encontrem de novo aos pés do Messias. Não queremos ungir um novo Rei de Israel (foram tantos os reis e a nada nos conduziram), mas queremos partir com o Messias o pão da fraternidade. No Reino do Senhor, Judas, os maiores são os que servem. Como queres colocar no trono de Israel um Messias de vergasta em punho?

A estrela matutina só agora apareceu no horizonte. O sol surgira daqui a pouco. Vem, Judas, vem correndo para receber comigo o sol de Betânia na Páscoa de Israel!

A IMPUREZA DA PASCOA

JUDAS SURPREENDEU-ME em meio do sono, acordou-me, arrancou-me do leito para contar-me que Bar Abba vai lançar-se it luta ao cair da noite de amanhã. Tudo esta preparado e os planos serão executados com a rapidez necessária para não dar tempo it reação eficaz dos *goyim*. Bar Abba conhece o poder e as manhas dos romanos, mas irá pegá-los de surpresa. Há um caminho secreto que só ele sabe. Por esse caminho os homens de Bar Abba, apoiados pelos zelotes, conseguirão assaltar a Fortaleza Antonia e domina-la.

- Estive até agora com Bar Abba - diz Judas.

- Trocaste o Rabi pelo guerreiro?

- Não. Eleazer, quero servir ao Messias. E como já percebeste, o Messias não é apenas espírito, é corpo, espada e punho. Os discípulos de Joshua estão ligados a Bar Abba. Veja! - Tira de baixo da túnica uma espada. – Eu, Simão, Tiago e Tomé já recebemos as nossas. Ninguém mais conseguira deter a ira de Israel. Bar Abba, o Rabi e os Zelotes formaram a rocha sobre a qual assentaremos para sempre a nossa liberdade. Tens de vir conosco. És o *golém* para uns e para outros és o justa que o Rabi ressuscitou. Tua presença fortalecera a nossa causa.

- Não, Judas, não, meu irmão, meu companheiro, meu amigo! Não irei com vocês, pois o meu lugar é aos pés do Rabi Joshua. Hoje compreendo porque tive de morrer, permanecer no túmulo e ser dele arrancado pelo poder que Javé concedeu a Joshua. Só assim compreendi o sentido das leis de pureza de Israel. Judas, Judas, a tua inquietação te arrasta aos braços de Edom.

Medes a grandeza de Israel pelo fio da espada, sopesas a força de Israel com o punho do guerreiro, mas te enganas porque Israel é mais do que punho, espada e corpo.

Falas como os Filhos de Hanan. Acaso te apavoras com a hora de Israel? Os que temem se ocultam nas dobras da Torá. Mas a Torá não existiria se nossos pais não aniquilassem a fio de espada os sete povos impuros do caminho de Canaã. *Javé* é o Deus dos Exércitos, o comandante supremo de Israel. Não foi ele que ditou a Moisés as ordenações de matança dos povos inimigos? Não foi a sua mão que conduziu nossos pais it conquista das casas, dos bois, dos trigais, das mulheres e dos servos de Gog e dos outros povos impuros? Onde esta a grandeza de Israel senão na firmeza do punho que segura a espada e desfere os golpes mortais?

- Bem sei, bem sei, Judas, que fomos formados nessa tradição da lei. Mas uma coisa é a criança, outra é o jovem, outra o homem maduro e outra o velho. Israel já saiu da infância, superou a mocidade e agora amadurece. Por isso veio o Messias e nos trouxe a nova mensagem de redenção. Não ha redenção fora da pureza e não ha pureza fora do amor e da piedade. Não viste o que ensinou o Rabi: "Ama o teu inimigo!" Não ouviste no sermão do monte as suas condenações it violência?

- Mas acaso não estavas presente no Templo quando o Rabi, meu querido Eleazer, tomou o chicote nas mãos e golpeou os vendilhões?

- Não, o Rabi não golpeou ninguém. Apenas derrubou as mesas, soltou os animais, atirou ao solo os instrumentos de ganância que maculavam o recinto. Os impuros temiam a corda que o céu lhe pusera na mão, ninguém sabe como, e fugiam espavoridos. Realizada a tarefa, dada a lição a Israel, o Rabi atirou a corda aos pés dos discípulos que a examinaram e viram não ser nada mais do que uma simples corda, o poder do Rabi não era a força dos seus punhos, mas a sua força moral.

- Sim. Eleazer, e com essa força derrubaremos os *goyim*? Com uma simples corda deteremos as centúrias romanas e tomaremos a Pilatos a Fortaleza Antonia? Não, Eleazer, não deixarei perder-me nos sofismas de Hanan. A hora de Israel chegou e agora é. Não podemos perdê-la. Fica em paz com os teus sonhos. Preciso partir. Os discípulos do Rabi estarão comigo em breve, de espada em punho!

Judas se afastou como havia chegado. Não o conhecesse e pensaria ter sido vítima de uma ilusão, pensaria talvez ter apenas sonhado. Mas as suas palavras me perturbam. Estariam os discípulos do Rabi envolvidos na conspiração de Bar Abba? Desisto de voltar ao leito e vou despertar Simão e Aarão. Acordo-os martelando as portas com meus punhos. Estou inquieto como Judas. Os velhos me recebem, mandam-me entrar, sentam-se comigo na sala e ouvem tudo em silêncio. Quando acabo de falar estão sorrindo. Simão balança a cabeça e me diz calmamente:

- Eleazer, meu filho, porque te inquietas assim? Nem parece que estiveste no túmulo e que viste o Rabi tirar a mim e a Aarão do Vale dos leprosos. Achas que Javé não sabe o que faz? Pensas que o Messias está ao sabor dos caprichos humanos? Vai dormir, Eleazer. Ora e vigia.

Aarão pousa a mão no meu ombro:

- Filho. Judas e uma alma inquieta. Não te deixes levar pelas suas visões, o Rabi Joshua sabe o que se passa ao seu redor, sabe pelo que terá de passar sabe e nos disse que esta Páscoa de Israel é a maior de todas. Não queiras saber mais do que isso. Vai dormir, Eleazer. Ora e vigia, que os lobos andam a solta por toda Israel.

Volto para casa enleado nas minhas indagações. Não vejo a noite nem as estrelas. Não ouço o rumorejar das frondes nem o balido das cabras ao vento ou o ruminar dos animais no estábulo. Todos esses rumores habituais são como se não existissem. Ouço apenas gritos e entrechocar de espadas, tropéis da cavalaria germânica e o ritmo pesado dos esquadrões romanos. Deito-me e o sono não volta. Viro-me no leito e os rumores da guerra pesam nos meus ouvidos e na minha

cabeça. Desde que nosso pai Abraão partiu de Ur para Canaã, até os nossos dias e daqui até o fim dos séculos teremos de viver assim, nas tropelias da luta contra os inimigos? Que destino é o teu, Israel? Ou o Messias dissipara as nuvens ameaçadoras que pesam sobre esta Páscoa?

Levanto-me ao amanhecer e saio para respirar o ar puro de Betânia. Mas sonhei nuns breves instantes antes do amanhecer e as imagens do sonho me perturbam. Prepara--se a Páscoa em Betânia, segundo a tradição, mas o Rabi Joshua avisou que ele e os discípulos deverão fazer a sua páscoa em Jerusalém. Meu sonho referia-se a Páscoa. Vi um cordeiro preparado para o sacrifício de lã branca e pura, olhos doces voltados para mim como numa suplica silenciosa. Vou abraçá-lo e pedir a Simão que não o deixem abater, mas nesse momento grandes manchas escuras aparecem na pele alva do cordeiro. Seus olhos ternos se entristecem e as manchas escuras se transformam em chagas purulentas. Acordei enojado e disse a mim mesmo: "As impurezas da Páscoa atingiram o cordeiro e temos de sacrificá-lo." Disse isso em voz alta e me pus a tremer. Como pode sair da minha boca essa frase impura? Como pode a Páscoa da Redenção ter impurezas e contaminar o cordeiro? E como sacrificar o cordeiro se ele foi contaminado? Que quer dizer tudo isso?

O dia roda tranqüilo sobre Betânia. O Rabi não desce para Jerusalém. Vai com os discípulos ao Horto das Oliveiras e se demora em orações. Volta para a casa de Simão e se alegra com os preparativos da Páscoa. "Não estarei convosco, - informa a Marta e Miriam. - porque esta Páscoa devo celebra-la em Jerusalém, na muralha de David, com os meus discípulos." Isso quer dizer que eles irão sós. Ninguém os acompanhara. Eu ficarei em Betânia. E até Miriam de Nazaré, a Mãe do Rabi, permanecerá conosco. Ela, sim, participara da nossa Páscoa e sua presença afastará os meus temores e os meus anseios.

Cai a noite e a paz campestre de Betânia se enfeita de estrelas. É tão grande essa paz, que meu coração se aquieta. Todas as preocupações foram dissipadas pela tranqüila alegria do Rabi. Findos os afazeres do dia, celebrados os rituais costumeiros em família, recolhemo-nos para o repouso. Mas às primeiras horas da madrugada somos acordados por desesperadas pancadas nas portas e janelas. Felipe, Rufo e Judas chegavam de Jerusalém com notícias assustadoras. É tamanho o alarido que acabam acordando a todos. Reunimo-nos na casa de Simão, na sala dos fundos, e falamos em voz baixa. O Rabi Joshua ouve o relato da fracassada tentativa de Bar Abba com a invasão do Templo. Os romanos esmagaram Bar Abba e seus homens nos próprios porões da Casa do Senhor, transformados em campo de batalha.

Morreram as esperanças de Israel - solução Judas e nada mais nos resta! Bar Abba e os Zelotes foram aniquilados!

Joshua toca-lhe de leve no ombro e pergunta:

- Por que choras assim? Bar Abba era o teu Rabi? Ou era Bar Abba o Messias de Israel? Pois na verdade te digo, Judas, que o teu Bar Aba será posto em liberdade e o Messias perecerá pela tua inquietação.

Judas levanta-se e encara o Rabi com ar desafiante. As lágrimas lhe encharcam o rosto abatido, de barba emaranhada. Mas os olhinhos negros de Judas perfuram a serenidade de Joshua.

- Por que não ages, Messias? Vais deixar que Israel desmorone até a última pedra? Queres entregar-te aos *goyim* como vítima indefesa, tu que podes enfrentá-los e destruí-los com um sopro? Israel esta poluída pela contaminação ao dos *goyim*. Mas e grande o número de corações que te esperam, de almas aflitas que depositam todas as esperanças em ti!

- Acalma Judas, o teu coração ambicioso. - diz o Rabi. - Bem sei que as tuas ambições não são apenas pessoais, mas querer a hegemonia do teu povo é querer esmagar o próximo sob os

pés. Ama ao teu próximo, Judas, e espera. Nesta Páscoa da Redenção ainda será imolado o cordeiro de Deus. E que dirás depois disso? Ou Bar Abba é maior que o cordeiro?

O rosto de Judas se abate novamente e as lágrimas voltam a inundar-lhe a barba áspera. Os olhinhos perfurantes se embaçam. Mas logo a seguir Judas reage e se afasta em direção a porta.

- Rabi, estarei amanhã contigo na Páscoa de Jerusalém. Agora preciso ir. Nem o Messias penetra, às vezes, os desígnios do Senhor. Mas uma raposa do deserto da Judéia pode servir para cheirar o rastro do Messias.

O Rabi sorriu tristemente e disse:

- Judas, espero-te para a Páscoa, de coração aliviado; Não aumentes o que te esmaga.

Judas se curva, beija os pés do Rabi e se afasta apressado.

Atrevo-me a perguntar:

Senhor, como dizes que o Cordeiro de Deus será sacrificado? Há muito me pergunto o que aconteceria se o cordeiro percesse. Nesta noite tive um sonho estranho e acordei assustado. O cordeiro manchou-se e cobriu-se de chagas e eu me dizia a mim mesmo que era por causa das impurezas da Páscoa. Mas como pode o cordeiro manchar-se e como pode a Páscoa ser impura?

- O cordeiro pascal, Eleazer, tem sido em Israel o símbolo da pureza, o pão ázimo representa o alimento da liberdade. Assim, liberdade e pureza se juntam na Páscoa. Mas se matamos o cordeiro manchamos a Páscoa. E o que tem feito Israel, desde a primeira páscoa até hoje, senão imolar o símbolo da pureza? Não será nesta Páscoa, Eleazer, que Israel compreenderá o seu engano. Ainda uma vez o cordeiro será imolado, pois a impureza da Páscoa o atinge e macula. Mas esta morte do cordeiro não será morte, será vida para Israel. Porque a morte encerra o mistério da vida e precisamos morrer para reviver.

Baixo a cabeça afasto-me. Vou para o meu quarto pesar as palavras do Rabi. Gravei-as uma a uma em meu coração. Preciso descobrir todo o mistério dessa revelação que Javé me permitiu receber. Páscoa é a passagem para a liberdade, a passagem do mar vermelho é também a passagem do deserto. Mas ha outra passagem, que é a do túmulo e que todos fazem, desde os mais humildes ate os mais poderosos. Se a morte é impura e se o túmulo é impuro temos então uma páscoa impura a que não podemos escapar. Neste momento o Templo de Jerusalém está cheio de cadáveres. São cadáveres de judeus e romanos. Nenhum deles é puro, segundo a nossa concepção, pois a morte é fonte de impureza. O Templo, Casa do Senhor, em que todos se purificam, é agora um imenso túmulo cheirando à impureza.

Oh, Senhor, difícil penetrar ao fundo de tuas palavras! Percebo o caminho e dele me desvio. A Páscoa da Redenção está sendo manchada há dias pelas mortes e os massacres de Jerusalém. Ontem foi o morticínio no Viaduto, às portas do Templo. Hoje os cadáveres se empilham no próprio recinto da Casa do Senhor. O Messias purificou o Templo derrubando as mesas dos cambistas e soltando os animais do sacrifício, mas não revela o menor intento de purificá-lo após a contaminação da morte. Então a ganância e o egoísmo são mais impuros que a morte? Precisamos morrer para reviver. A morte é a porta que se abre, no túmulo que se fecha. Quando passamos por uma porta, em geral a fechamos. Porque haveríamos de considerar impuro aquele que passou, se a porta lhe permitiu ir além? Sim, sim vou pensar, vou pensar de novo sobre essas palavras do Rabi.

Nota Final

Luiz Pessoa Guimarães

Ao comparar os conceitos emitidos sobre um mesmo assunto, o leitor tem as condições plenas para avaliar suas concordâncias e ou discordâncias em relação com a Doutrina dos Espíritos. Criando um conceito onde se possa acrescentar: "Segundo o Espiritismo".

VADE MECUM ESPÍRITA - Páscoa